

# ESCOLA

LUGAR PARA DESENHAR,  
NARRAR, FALAR E APRENDER  
SOBRE O TEMPO

#### **Conselho Editorial Educação Nacional**

Prof. Dr. Adolfo Ignacio Calderon – PUC/Campinas  
Prof. Dr. Afranio Mendes Catani – USP  
Prof. Dr. Altair Alberto Fávero – UPF/RS  
Profa. Dra. Carina Maciel – UFMS/MS  
Prof. Dr. Diego Bechi – UPF/RS  
Profa. Dra. Edineide Jezine – UFPB  
Profa. Dra. Egeslaine De Nez – UFRGS/RS  
Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp/SP  
Prof. Dr. Elton Luis Nardi – Unoesc/SC  
Prof. Dr. Gildenir Carolino Santos – Unicamp/SP  
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar/SP  
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp/SP  
Prof. Dr. José Vieira de Sousa – UnB/DF  
Profa. Dra. Lara Carlette Thiengo – UFVIMG – MG  
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC/PR  
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC/SC  
Profa. Dr. Ignacio Calderon – PUCC/SP  
Profa. Dra. Maria Abadia da Silva – UnB/DF  
Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – UFSM, Unicamp  
Profa. Dra. Maria Tereza Ceron Trevisol – Unoesc/SC  
Profa. Dra. Maria Vieira Silva – UFU/MG  
Profa. Dra. Margarita Victoria Rodrigues – UFMS/RS  
Profa. Dra. Marilda Pasqual Scheneider – Unoesc/SC  
Profa. Dra. Marília Morosini – PUCRS/RS  
Prof. Dr. Paulo Almeida – UFPA/PA  
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp/SP  
Profa. Dra. Romilda Teodora Ens – PUCPR/PR  
Profa. Dra. Rosane Sarturi – UFSM/RS  
Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA/PA

#### **Conselho Editorial Educação Internacional**

Prof. Dr. Adrián Ascolani – Universidad Nacional de Rosario/Conicet/Argentina  
Prof. Dr. Adrian Cammarota – IDES/Argentina  
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Universidad de Granada/Espanha  
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro/Portugal  
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias/Portugal  
Prof. Dr. Enrique Martinez Larrechea – Iusur/Uruguai  
Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho/Portugal  
Prof. Dr. Geo Saura – Universidad de Granada – Espanha  
Prof. Dr. Jaime Moreles Vazquez – Universidade de Colima/México  
Profa. Dra. Maria Carmen Lopez Lopez – Universidade de Granada/Espanha  
Profa. Dra. Maria Cristina Parra Sandoval – Universidad del Zulia/Venezuela  
Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján/Argentina  
Profa. Dra. María Verónica L. Guerrero – Pontificia Universidad Católica de Valparaíso/Chile  
Prof. Dr. Mariano Fernandez Enguita – Universidad de Madrid/ Espanha  
Prof. Dr. Norberto Lamarra – Universidad Trés de Febrero – Argentina  
Profa. Dra. Olga Cecília Diaz Flores – Universidad Nacional Pedagógica – Colômbia  
Prof. Dr. Pablo Garcia – Universidad Trés de Febrero/Argentina  
Profa. Dra. Patricia Viera Duarte – Universidad de la Republica/Uruguai

SELMA NASCIMENTO VILAS BOAS  
ADAIR MENDES NACARATO

# ESCOLA

LUGAR PARA DESENHAR,  
NARRAR, FALAR E APRENDER  
SOBRE O TEMPO

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Boas, Selma Nascimento Vilas

Escola : lugar para desenhar, narrar, falar e aprender sobre o tempo /  
Selma Nascimento Vilas Boas, Adair Mendes Nacarato. – Campinas,  
SP : Mercado de Letras, 2023.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-750-3

1. Educação infantil 2. Infância 3. Ludismo 4. Pedagogia - Metodologia  
I. Nacarato, Adair Mendes. II. Título.

23-171044

CDD-371

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Educação infantil : Diretrizes pedagógicas : Educação 371

*capa:* Studio Rotta Design Gráfico  
*gerência editorial:* Vande Rotta Gomide  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras  
*revisão final:* das autoras  
*bibliotecária:* Eliane de Freitas Leite – CRB 8/8415

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**2 0 2 3**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

# SUMÁRIO

PREFÁCIO **7**

APRESENTAÇÃO **11**

A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL COMO PONTO DE PARTIDA **13**

A ESCOLA COMO TEMPO E LUGAR DA INFÂNCIA **23**

O TEMPO NA ESCOLA **31**

TEMPO DE SÍNTESE: O MOVIMENTO DE ELABORAÇÃO  
CONCEITUAL EM SALA DE AULA **73**

É HORA DE CONCLUIR! UM ZOOM PARA O PROCESSO VIVIDO **77**

REFERÊNCIAS **81**



# PREFÁCIO

*O tempo perguntou pro tempo  
quanto tempo o tempo tem.  
O tempo respondeu pro tempo  
que o tempo tem tanto tempo  
quanto tempo o tempo tem.*  
Autor anônimo

A epígrafe acima, que é um dito popular conhecido como “trava-língua”, representa a complexidade do que é o conceito de tempo. Há algum tempo, participei da banca de dissertação de mestrado de Selma Nascimento Vilas Boas, orientada por Adair Mendes Nacarato, que, agora, me convidaram pra prefaciar o livro: *Escola: lugar para desenhar, narrar, falar e aprender sobre o tempo*, elaborado a partir de tal dissertação. Já naquela leitura, me emocionei com a temática e com a fluidez do texto, nem sempre vistas no discurso acadêmico. Assim, juntamente com a Profa. Dra. Daniela Dias dos Anjos e com a orientadora Profa. Dra. Adair, nós, da banca examinadora, indicamos que a dissertação fosse publicada em forma de livro. É muito gratificante participar da realização de uma pesquisa que acreditamos que será importante para a educação – no caso, a educação infantil.

O texto trazia enfoques teóricos que estudo ao longo de minha vida acadêmica, a perspectiva histórico-cultural, desenvolvimento de linguagem narrativa e de formação de conceitos pelas crianças, daí minha participação na banca e na possibilidade de discussão das temáticas. O que era o novo, para mim, era o conceito de “Tempo” e sua apropriação pelas crianças na educação infantil. No desenvolvimento linguístico, estudei também narrativas em que há, obviamente, o conceito temporal, mas, especificamente como a proposta de Selma, não.

Entretanto, esse texto, para além do acadêmico, era fluido, leve, trazendo a transparência e a sensibilidade da pesquisadora e da orientadora. Falavam da perspectiva de quem está na escola, que vivencia ou vivenciou o contato diário com as crianças e com as questões pedagógicas, com suas peculiaridades, dificuldades e, por que não dizer, sonhos e afetos. Assim, ao ser convidada para fazer o prefácio do livro, resultado da pesquisa, fiquei muito feliz. É fundamental que trabalhos em que há uma proposta pedagógica inspirada em prática diária, sejam compartilhados com professores da educação infantil e básica, da academia, entre outros.

Então, entre tantas temáticas que se desdobram dentro de um trabalho científico, vou me arriscar a falar da mais difícil para mim: a temporalidade. Falar do tempo, do tempo na escola, da apropriação desse conceito tão abstrato pelas crianças na educação infantil, entre 4 e 5 anos, me fez, em primeiro lugar, voltar no tempo e tentar me lembrar o que eu, criança, compreendia desse conceito.... Isso me remete àquilo que sempre me foi muito intrigante (talvez ainda seja, apesar das experiências já vividas), que é a questão dos fusos horários: como estamos em “tempos” diferentes, por estarmos

em “lugares diferentes”? Quando pequena, ao ter contato com isso, não conseguia compreender. Aceitava. Interessante que isso também é uma temática abordada no livro, sugerida por uma das crianças da pesquisa e apreendida e desenvolvida pela pesquisadora e pela professora da turma de uma forma bastante precisa e compreensível.

Em segundo lugar, falar do tempo leva-nos a conceitos diversos, difíceis, complexos e de volta à questão: como a criança se apropria desse conceito? Um conceito que abarca tantos outros: o tempo na física, na fotografia, na narrativa, o tempo psicológico, entre outros.

Por exemplo, o tempo na física, já discutido e revisto por tantos filósofos e físicos ao longo da História da Humanidade: Aristóteles dizia que o tempo é movimento e que o tempo recorda o passado vivido e espera o futuro a ser vivido; portanto, ele é um eterno presente que não existe; séculos depois, Galileu rompe com a física aristotélica e abre caminho para Newton, em relação às noções de espaço e tempo, argumentando que ambos têm existência, independentemente dos objetos e dos fenômenos físicos. Posteriormente, já no início do século XX, Einstein, com a teoria da relatividade, tendo como precursores Leibniz e Mach, afirma que tudo no Universo se move a uma velocidade distribuída entre as dimensões de tempo e espaço. Para um corpo parado, o tempo corre com velocidade máxima. Mas, quando o corpo começa a se movimentar e ganha velocidade na dimensão do espaço, a velocidade do tempo diminui para ele, passando mais devagar. Esse aspecto é notado quando a velocidade é a velocidade da luz; assim, os relógios em satélites, por exemplo, têm que ter o cálculo da passagem do tempo diferente dos relógios aqui na terra, senão os sistemas de posicionamento (GPS) não funcionariam corretamente. Como compreender tudo isso? Como compreender também as diferentes medições do tempo criadas ao longo da História e algumas abordadas com as crianças nesta pesquisa: a ampulheta, o relógio de sol, o relógio mecânico e o digital. Hoje é essa a noção que temos da temporalidade. E no futuro? As crianças, na escola, apropriar-se-ão desse conceito. Quando, como?

Além disso, a construção do tempo na narrativa, discutida no livro, se dá como o tempo da física, estruturado pela linguagem, por diversas experiências cotidianas da criança, pelo outro e, principalmente, pela fala do professor e dos colegas na escola – e, claro, no contato com a literatura, tão bem explorado e discutido no texto. Podemos acompanhar a apropriação do conceito de tempo das crianças pelo uso do tempo verbal quando elas narram, como apresentado no capítulo “O tempo na escola”.

Voltemos, agora, para a elaboração das autoras na construção do livro. Além da fundamentação teórica da perspectiva histórico-cultural, trazem discussões a respeito de narrativas de Passeggi; Furlanetto; Nunes; Bicudo e Norbert Elias sobre o conceito de Tempo. No capítulo “A perspectiva histórico-cultural como ponto de partida”, discutem as bases teóricas gerais para a psicologia dos séculos XX e XXI e os conceitos abordados no trabalho. São eles: o papel da palavra e do outro no desenvolvimento humano, o processo de elaboração conceitual, o desenho infantil e a imaginação.

Em relação à linguagem (papel da palavra), Vigotski afirma que nos constituímos pelo outro, pela cultura e pela palavra. É a palavra que dá forma ao nosso pensamento; e é o outro que nos põe na língua, nos introduz na cultura e nos torna sujeitos, possibilitando que nos apropriemos das Funções Psíquicas Superiores.

Para a reflexão sobre a formação dos conceitos científicos, Selma e Adair nos trazem Friedrich, autora importante para evidenciarmos o papel da escola. É na escola que as crianças, a partir de objetivos e conteúdos propostos e planejados, podem ir se apropriando dos conceitos científicos de uma cultura. Como exemplo, muito bem elaborado e explanado no capítulo “O tempo na escola”, pelas rodas de conversas, experiências trazidas (dia e noite, relógio de sol, ampulheta, máquina do tempo), a elaboração do conceito de temporalidade pode ter continuidade para aquele grupo de crianças. Ao

mesmo tempo, verificamos que o trabalho realizado pela pesquisadora Selma e pela professora da turma, Vera, em uma proposta pedagógica democrática, pode ser efetivo.

Essa proposta toma como base o interesse e o conhecimento das crianças (conceito já discutido amplamente na teoria histórico-cultural, mas ainda tão pouco compreendido, o da Zona de Desenvolvimento Iminente), e aí reside a grande importância do trabalho pedagógico que leva em conta as questões e sugestões feitas pelas crianças. Aqui quero, de um lado, discutir a importância de se ter planejamentos pedagógicos para cada ano e conteúdos escolares; e, de outro, argumentar que a viabilidade desse planejamento tem que estar nas mãos dos professores, com atividades e estratégias por eles propostas, a partir do grupo de crianças de cada sala de aula. Vimos, neste livro, essa possibilidade. Educação infantil, escola pública, professores bem formados e com respaldo estrutural da educação pública podem propiciar e criar com as crianças, a partir de suas necessidades e propostas, a elaboração de conceitos científicos para o desenvolvimento daquele grupo.

No item “O processo de elaboração conceitual”, as autoras trazem de uma forma precisa a formação dos conceitos científicos discutidos na obra de Vigotski e retomados por Friedrich, reafirmando a importância do outro, da linguagem e da escola.

O desenho, nessa perspectiva, é visto como linguagem, como signo, em que a criança se põe no mundo, representando aquilo que vê e percebe. Ela fala sobre o que desenha. Então, a fala também está presente. Nos primeiros rabiscos, o outro, o adulto, é quem nomeia para a criança; posteriormente, ela desenha e nomeia e então planeja e nos dá sua representação. Os desenhos das crianças inseridos no livro, vão revelando as representações dos conceitos por elas vivenciados nas ações pedagógicas.

As autoras apresentam aos leitores a proposta da perspectiva histórico-cultural que nos oferece a apropriação das Funções Psíquicas Superiores como um conjunto, e a elaboração conceitual, com os diferentes conceitos se entremendo e se organizando, e aqui, especificamente, o conceito de temporalidade.

Nos capítulos “A escola como tempo e lugar da infância” e “O tempo na escola”, Selma e Adair discutem, baseadas nos documentos oficiais daquele momento, as *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*, de 2009, a importância de se ter a criança como protagonista em seu processo de apropriação do conhecimento, sem deixar o planejamento pedagógico, tão essencial, em segundo plano. Além disso, enfatizam que o professor da educação infantil deve ter conhecimento da infância, do desenvolvimento infantil e de práticas pedagógicas eficientes, com intencionalidade, segundo a perspectiva teórica aqui discutida. Dão destaque para o papel e a importância da brincadeira no desenvolvimento infantil e na escola.

No primeiro capítulo, ainda, há uma discussão para a elaboração conceitual do “tempo”, que vai sendo desenvolvido desde que o bebê nasce, já que nascemos em um “mundo cultural”, segundo Vigotski. Esse conceito vai sendo significado, primeiro pela família e, depois, pela escola, pela palavra. Na escola, pela rotina, pelas atividades propostas, e isso abarcará a intencionalidade.

São abordados no livro, de acordo com Nunes (1988 [1995]), os conceitos de tempo físico, psicológico, cronológico, histórico e linguístico e, de acordo com Elias, em seu texto de 1998, duas teorias do tempo, a física e a sociológica, ressaltando, mais uma vez, sua abstração conceitual. Com Thompson, as autoras abordam a percepção e a medição do tempo ao longo da História da humanidade e a forma como nos apropriamos dos conceitos nas diferentes culturas. Finalmente, introduzem Bicudo, em seu texto de 2003, que avalia a dificuldade para se estudar, por exemplo, o tempo da narrativa, que abarca o tempo vivido no presente, no passado e no futuro. Nesse capítulo, baseando-se nos autores trazidos, Selma e Adair enfatizam o papel da palavra na elaboração do conceito de tempo.

Já no capítulo “O tempo na escola”, as autoras trazem as experiências vividas com as crianças, na sala de aula, narrando-as em cenas, exemplificando com os diálogos e refletindo e discutindo o significado de cada uma delas. No texto, analisam as propostas, as ações vividas, a intencionalidade pedagógica, de uma forma que convidam e põem o leitor em reflexões conjuntas, instigantes, e desdobram outras reflexões e propostas de cada um que ler o livro.

Ainda nesse capítulo apresentam o planejamento da pesquisa, também se perguntando sobre que ações e atividades seriam possíveis, como a escolha se deu etc., para, então, introduzirem as cenas (Cenas 1 a 16). Em cada uma delas, apresentam e refletem sobre a elaboração que as crianças vão tendo dos conceitos discutidos pela fala, pelo narrar de experiências, pela narrativa do livro que cada uma delas faz por meio de desenhos. É muito rico acompanhar o processo de algumas crianças, como na confecção dos livros, na Cena 15: “A história do livro do tempo” (da página 66 a 69), em que trazem, nas palavras das autoras, diferentes modos de as crianças relatarem: Rafaela ‘conta uma história’; Joana ‘descreve os desenhos’ e Maísa só ‘desenha’, é pelo desenho que narra. Ou na Cena 6, “O tempo passado”, em que as crianças, com a professora e a pesquisadora constroem a máquina do tempo e ao passar por ela, as crianças voltam a ser bebês, para discutirem e elaborarem o tempo passado, o que se traduz na fala de algumas crianças diante da pergunta da pesquisadora: “É possível voltar lá no dia que teve cinema com pipocas?”. Suas respostas foram: Kátia: “*Não dá, porque já passou o dia*” ou Rafaela: “*Só volta o que a gente fez*”. Cada cena faz com que, nós, leitores, acompanhamos os processos de elaborações conceituais das crianças, que foram se desenhando em relação à temporalidade, ao presente, passado, ao futuro, ao dia, ao mês, entre tantos outros. Faz-nos também acompanhar as propostas pedagógicas e as relações estabelecidas entre a professora e a pesquisadora com as crianças, no aceite das atividades propostas por elas, no diálogo que também foi sendo elaborado com os pais, entre tantos outros acontecimentos relevantes.

Gostaria de destacar, também, o formato do texto: as cenas, as ações propostas e as análises, bem como a criação de uma caixa de texto destacada ao lado do corpo principal das páginas. Essas ferramentas possibilitam reflexões estabelecidas com o leitor, o que torna a leitura um diálogo interessante e que nos instiga quanto às propostas das autoras.

Nos dois últimos capítulos, “Tempo de síntese: o movimento de elaboração conceitual em sala de aula” e “É hora de concluir! um zoom para o processo vivido”, as autoras encerram o trabalho, fazem a síntese das discussões apresentadas, explicitando, por exemplo, como em uma pesquisa científica, as elaborações podem ir se reconfigurando, o que ocorreu com a formação conceitual das crianças sobre o tempo, que não estavam nos primeiros objetivos. Então, há uma ressignificação teórica que também se faz. A pesquisa acadêmica na sala de aula na Educação Infantil traz para o mundo acadêmico discussões nem sempre possíveis de serem acompanhadas, e as autoras fazem isso de uma forma leve e com propriedade.

É importante reafirmar, como podemos acompanhar, na narrativa deste livro, o papel da escola, com sua proposta de ser um espaço fundamental para a apropriação dos conhecimentos de um grupo sociocultural; o grupo de crianças em um papel de destaque na apropriação desse conhecimento; e a criança no centro, em que sua fala, ações e conhecimentos anteriores são fundamentais e devem ser prioridade, pois, como destacado por Selma e Adair, é no diálogo, na reflexão e na construção conjunta que se constitui a apropriação das Funções Psíquicas Superiores – a linguagem, o desenho e a elaboração conceitual, como a temporalidade.

*Evani Andreatta Amaral Camargo*

# A PRESENTAÇÃO

O projeto deste livro nasceu com a escrita da dissertação de Mestrado da primeira autora (Vilas Boas 2015), orientada pela segunda.<sup>1</sup> Após um tempo longo de estudo e de pesquisa sobre a infância e diante das inúmeras possibilidades de trabalho pedagógico com as crianças pequenas, nasceu o desejo de compartilhar as narrativas infantis com outros profissionais da Educação. No dia da defesa da dissertação, em dezembro de 2015, no momento de fechamento do encontro, os membros da banca indicaram a publicação do trabalho em formato de livro. Era o lançamento da semente desta escrita e a possibilidade de compartilhamento.

Logo de início manifestamos nosso interesse, pois a Educação Infantil nos encanta, e estar nesse movimento de estudo e de trabalho com essa faixa etária é o que nos motiva e inspira para continuar na carreira profissional.

Algum tempo se passou, novas demandas de estudo e de trabalho apareceram. Afinal, o que não falta para os profissionais da educação são projetos novos para serem tocados. Mas o ano de 2018 foi o marco para a escrita do livro ser finalmente iniciada. E, após o enfrentamento de muitos desafios, conseguimos chegar à finalização do projeto de escrita.

Aqui apresentamos a pesquisa realizada com crianças de 4 e 5 anos em uma escola pública de Educação Infantil do município de Campinas, onde a pesquisadora, que atuava no cargo de Diretora, estabeleceu uma parceria com a professora da turma.

Os objetivos da pesquisa foram: identificar os marcadores temporais que as crianças utilizam em suas falas e desenhos, identificar as noções de tempo explicitadas por elas em contextos planejados para discutir o tema, captar o movimento de circulação do vocabulário relativo ao tempo em sala de aula e observar a forma como as crianças vão se apropriando dele.

A base teórica do livro é a perspectiva histórico-cultural de Lev S. Vigotski,<sup>2</sup> complementada pela discussão sobre as narrativas infantis a partir dos estudos de Passeggi (2014), Passeggi *et al.* (2014) e Furlanetto (2014), dentre outros, além do próprio conceito de tempo, na concepção de Benedito Nunes, Maria Aparecida V. Bicudo e Norbert Elias.

Pensamos numa obra para professores e para pesquisadores, visto haver pouca publicação sobre essa temática para a Educação Infantil. Planejamos uma escrita que dialogue com o professor, dando-lhe pistas sobre práticas de sala de aula. Para isso, usamos o recurso de boxes laterais para estas nossas conversas. Nosso desejo é que esta obra contribua para práticas docentes na infância.

*As autoras*

- 
1. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Código de Financiamento 001.
  2. A grafia do nome deste autor apresenta-se de diferentes formas na literatura. Ao longo do texto manteremos a grafia Vigotski; no entanto, nas citações usaremos a forma do original.